

ACAMPAMENTO DE GRANDE PROJETO

Uma forma de imobilização da força de trabalho pela moradia

Gustavo Lins Ribeiro*

A partir da Revolução Industrial, grandes projetos, como a construção de canais, ferrovias, cidades e hidrelétricas, possuem uma história intimamente relacionada com a expansão do capitalismo. Seja por causa das poderosas articulações de interesses públicos e privados por eles realizadas, seja pela gigantesca mobilização de capital e trabalhadores que provocam, ou ainda pelo estabelecimento de novos sistemas regionais explicitamente vinculados à economia capitalista como um todo.

Na história dos grandes projetos, encontramos uma transmissão de modelos de organização do processo produtivo e de administração da força de trabalho. O principal ator social portador deste modelo no tempo é o engenheiro e, por extensão, sua expressão coletiva: a escola de engenharia e a empreiteira. Os engenheiros, através da acumulação de conhecimentos herdados via educação e experiência prática, reproduzem soluções modelares ao início de cada obra. É por esta razão que os grandes projetos podem ser pensados como uma forma de produção que mantém características estruturais semelhantes em diferentes contextos geográficos e históricos (Ribeiro 1985, 1987).

No Brasil, se fôssemos fazer uma genealogia de grandes projetos - pesquisa que ainda necessita ser feita consistentemente, inclusive para pensar o crescimento notável da indústria da construção no país nas últimas três décadas - certamente começaríamos com as ferrovias construídas no século passado, com especial destaque, já neste século, para a Madeira-Mamoré (Foot Hardman 1988 e Ferreira 1981). Haveria também que incluir a construção de cidades como Belo Horizonte e Goiânia, e estradas como, por exemplo, a Via Dutra.

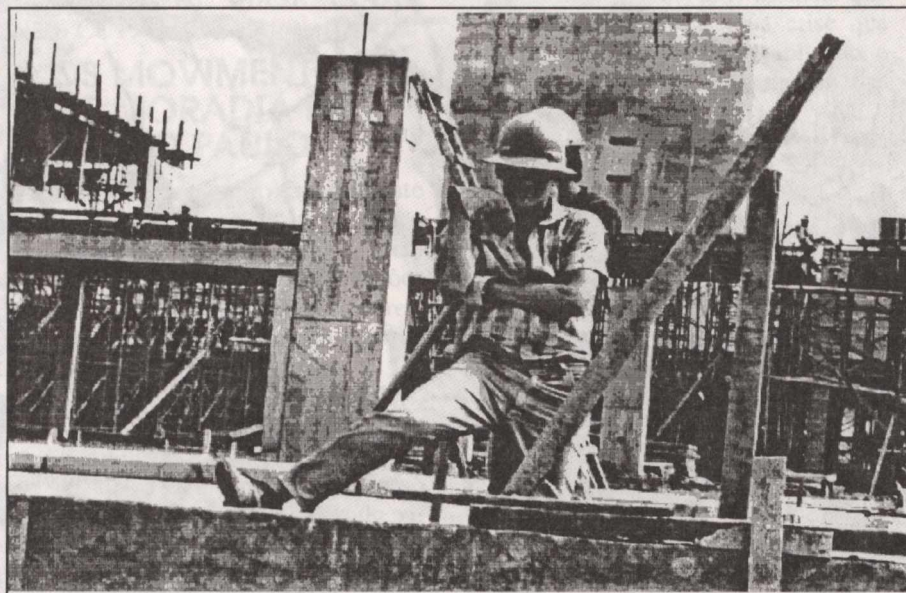


Foto: Arquivo CEM

No período do desenvolvimentismo juscelinista começa o boom de grandes projetos que iria encontrar seu auge nos anos 70, sob o regime autoritário. Grandes obras como a hidrelétrica de Três Marias, a cidade de Brasília e a rodovia Belém-Brasília são paradigmáticas. A construção de Brasília, a "Meta Síntese" do programa juscelinista, foi não apenas a obra mais visível do período, por sua indubitável importância política, mas também aquela que representou o maior e mais complexo esforço em termos de imobilização da força de trabalho. Relembremos que, após o início das obras em 1957, em pouco mais de dois anos um território praticamente desabitado passa a ter mais de 60.000 pessoas.

Na construção de Brasília, participaram várias empreiteiras, algumas delas mineiras como JK, que futuramente seriam algumas das empresas mais poderosas do país. Evidentemente, aquelas que se especializaram em grandes projetos (a porção privilegiada do mercado da construção civil), foram aperfeiçoando sua forma de imobilização da força de trabalho atra-

vés da moradia e a organização territorial do projeto como um todo, isto é, o conjunto de acampamentos, canteiros de obras, estradas de serviço, etc.

IMOBILIZANDO A FORÇA DE TRABALHO

O estudo da "imobilização da força de trabalho" é de interesse não apenas para aqueles que se preocupam com o surgimento das formas de exploração típicas do capitalismo. Em plano mais genérico, pode se relacionar a imobilização da força de trabalho com a necessária sedentarização de populações humanas para o desempenho de atividades estáveis no decorrer do tempo, em lugares determinados. Aqui a "imobilização" claramente se contrapõe à existência de populações nômades com suas lógicas internas, pertinentes seja à apropriação de recursos naturais em diferentes ecossistemas, seja à mediação, via comércio, de diferentes sistemas econômicos. Isto não quer dizer que economias como a capitalista, por exemplo, não tenham espaço para populações nômades subordinadas claramente aos seus interesses, como

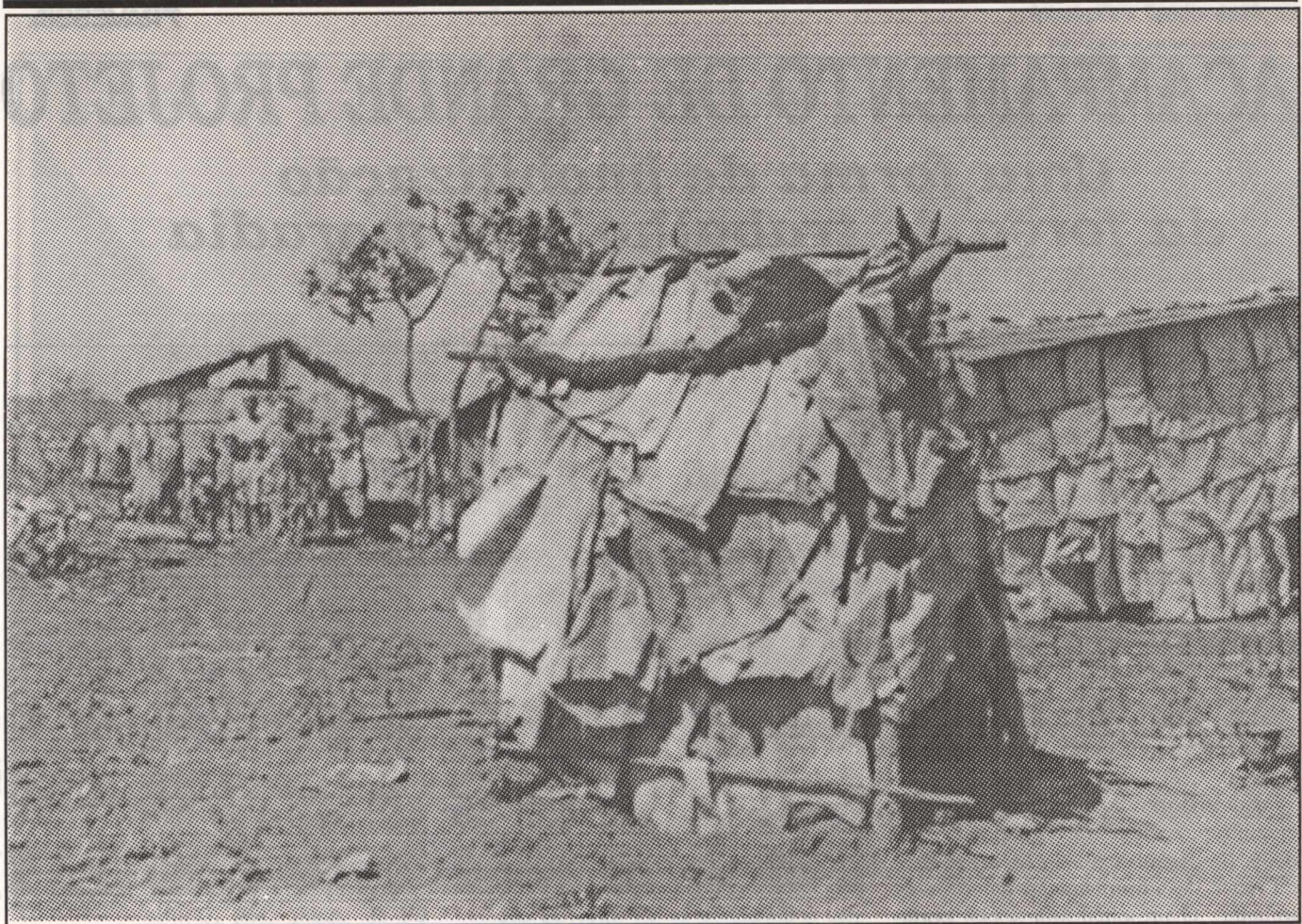


Foto: M.M. Fontenelle - DePHA/DF

Sacolândia: Trabalhadores migrantes se instalam precariamente na periferia dos acampamentos das empreiteiras durante a construção de Brasília.

aquelas chamadas por Marx de "proletariado nômade", de "infantaria ligeira do capital", ou ainda de "coluna móvel da pestilência", ao referir-se a trabalhadores vinculados a grandes projetos realizados no século XIX (sobretudo ferrovias)(1).

A "imobilização" também se contrapõe à existência de populações sedentárias (ou semi-nômades) porém não vinculadas totalmente a sistemas integrados de mercado. Isto é, muitas vezes um sistema político-econômico que se expande absorve compulsoriamente uma determinada população já sedentária, pela intervenção direta nas suas formas de apropriação do espaço, através da criação de novas configurações espaciais residenciais e produtivas. Aqui um exemplo clássico é a missão religiosa que através da "redução" de índios semi-nômades em vilas padronizadas impede a reprodução do modo de vida anterior.

Em suma, *imobilização da força de trabalho* é uma noção que remete aos interesses de um sistema político eco-

nômico que se expande e que, para tanto, necessita recrutar, administrar e controlar, temporaria ou permanentemente, populações humanas que lhe produzam consistentemente excedentes e riquezas. Entretanto, uma especificidade da sedentarização e concentração populacional promovida pelo capitalismo é a criação de um proletariado vinculado à indústria.

A discussão sobre "imobilização da força de trabalho" pode ser entendida como um sub-campo da vasta literatura sobre processos migratórios (entendidos no sentido amplo de movimento populacional e suas conseqüências) - em especial no que diz respeito à proletarianização e criação de *sistemas de trabalho migrante* (veja-se Burawoy 1976, Balán 1980). Por outro lado, ela é parte da literatura sobre subordinação e disciplinarização da força de trabalho vinculada a sistemas industriais (veja-se, por exemplo, Foucault 1975 e Leite Lopes 1988).

Os estudos do antropólogo José Leite Lopes (1976, 1979, 1988) signifi-

cam uma sofisticada contribuição para o entendimento das formas de *imobilização da força de trabalho*, em especial no que diz respeito à noção de *sistema fábrica com vila operária* (Leite Lopes 1979). A construção de uma vila operária anexa a uma grande unidade produtiva industrial localizada em área "isolada" ou rural, é uma solução clássica para a criação de uma força de trabalho disciplinada e permanentemente vinculada às necessidades produtivas de uma fábrica. A vila operária promove não apenas o estabelecimento da relação capitalista/proletário, mas também uma forma de subordinação específica onde os interesses da esfera produtiva invadem claramente todas as outras esferas da vida cotidiana do trabalhador, submetendo ele e seu grupo doméstico, através da moradia, às necessidades da fábrica (Leite Lopes 1979). Com a persistência do sistema, a vila operária tende ao "transbordamento", pelo surgimento de uma população prestadora de serviços e de um amplo mercado de trabalho, trans-

formando-se progressivamente em núcleo urbano.

A imobilização da força de trabalho através da moradia está associada a várias atividades industriais. Ela existe - seja temporária ou permanentemente - não apenas nos casos de usina de açúcar e de fábrica têxtil, tipicamente analisadas por Leite Lopes, mas também na mineração e nas indústrias da construção civil e petrolífera(2).

A presença de um sistema fábrica/vila operária, ou dos seus análogos mina/vila operária, grande projeto/acampamento, tem impactos na criação de núcleos urbanos e sistemas regionais, como demonstram, por exemplo, a configuração espacial do estado do Texas, nos EUA, da Patagônia, na Argentina (indústria petrolífera) e o sistema regional da Amazônia, no Brasil (grandes projetos e minerações). As célebres *company towns*, outra forma clássica de imobilização da força de trabalho, foram em grande medida responsáveis pela criação de vários sistemas regionais nos Estados Unidos(3). As diversas formas de imobilização da força de trabalho são, portanto, centrais não apenas para o surgimento de grandes unidades produtivas capitalistas mas também, e com um efeito muito maior em termos de expansão e permanência de sistemas econômicos, para a constituição da malha regional onde circularão mercadorias, riquezas e força de trabalho (4).

A seguir, me deterei na compreensão de uma forma específica de imobilização da força de trabalho, o acampamento de grande projeto. Como aqui me interessam as características estruturais do sistema grande

projeto/acampamento, não me deterei em exemplos concretos. Entretanto, minhas idéias se baseiam fundamentalmente em duas situações que pesquisei exaustivamente, a construção de Brasília e da hidrelétrica paraguaio-argentina de Yacyretá (Ribeiro 1980, 1982, 1991), tanto quanto em estudos de outras obras importantes como os canais de Suez e Panamá. A comparação de muitas grandes obras e a sua compreensão em perspectiva histórica, levaram-me, inspirado em discussões antropológicas sobre *plantations*, a definir os grandes projetos como uma forma de produção vinculada à expansão de sistemas econômicos (Ribeiro 1985, 1987)

O SISTEMA GRANDE PROJETO/ACAMPAMENTO

A necessidade de contar com milhares de pessoas para a realização de uma obra gigantesca, traz a questão da habitação para o primeiro plano no planejamento e execução de um grande projeto. O acampamento é uma forma de moradia que - à semelhança do que ocorre na relação fábrica/vila operária - contribui para uma maior exploração da força de trabalho. Estando diretamente ajustado à lógica da atividade produtiva, implica em uma efetiva subordinação da quase totalidade do cotidiano das pessoas nele residente aos interesses da esfera da produção, adquirindo claros contornos de instituição total (Goffman 1974).

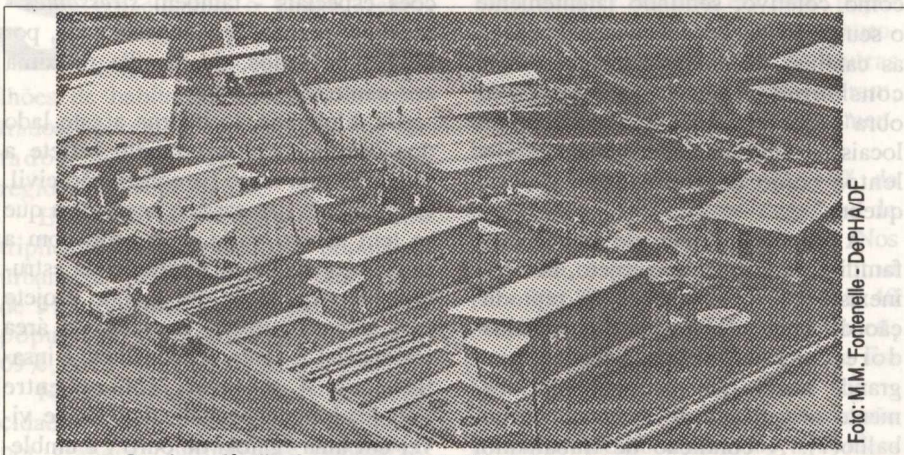
Grandes projetos, como uma forma de produção vinculada à expansão de sistemas econômicos, quase sempre são realizados em áreas parcamente povoadas, atraindo ou transferindo

trabalhadores migrantes para territórios controlados por uma complexa e poderosa articulação de empresas públicas e privadas que têm interesses e objetivos econômicos claramente definidos. Os fluxos migratórios associados a grandes projetos podem ser divididos em organizados e não-organizados e ocorrem de maneira diferenciada, internamente ao mercado de trabalho, de acordo com o grau relativo de isolamento da obra e suas características técnicas. As empreiteiras realizam vários trabalhos simultânea e sequencialmente, entre os quais transferem equipamento e pessoal criando, assim, um fluxo, o "circuito migratório dos grandes projetos" (Ribeiro 1991), entre diversas obras em escala nacional ou planetária(5).

A construção civil é uma atividade produtiva que implica em uma imobilização da força de trabalho passível de ser classificada como "situação de completa dependência do capital". Esta, dado o próprio caráter "itinerante" da construção civil, não se realiza através da forma mais estável, a vila operária, mas da forma alojamento provisório, ou sua forma mais agigantada e complexa, o acampamento. Assim, se os alojamentos são comumente encontrados nos canteiros de obras de construções individuais, em um grande projeto, isto é um complexo de várias construções parcelares, deparamo-nos com a presença de diversos grandes acampamentos, ou melhor, de diversas áreas articuladas em um gigantesco acampamento. Estas áreas, além de terem basicamente o objetivo de prover residência para a população engajada no projeto incluem também equipamentos ligados à reprodução da vida no território da construção (por exemplo, cantinas, escolas, posto de saúde, supermercados, clubes, etc.), já que são consideráveis aglomerados humanos localizados em territórios sem maiores prestações de serviço pré-existent.

ORGANIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS INTERNAS DOS ACAMPAMENTOS

As características estruturais de uma grande projeto acabam se traduzindo na configuração espacial interna do acampamento, condicionando-a. A



Candangolândia: Acampamento da NOVACAP, COMPANHIA ESTATAL responsável pela construção de Brasília.

Foto: M.M. Fontenelle - DePH/DF

razão que preside seu planejamento reflete basicamente duas linhas, advindas tanto da lógica da atividade produtiva, quanto das particularidades da população presente no projeto, elas mesmas determinadas pelas características da força de trabalho própria ao desempenho de uma grande obra: homens, jovens, com saúde e desacompanhados de suas famílias.

Destaquemos, em primeiro lugar, a relação especular entre a organização espacial do acampamento e a hierarquia própria ao setor da construção civil, sobretudo no que diz respeito, em um primeiro momento, à distinção ser-ventes/profissionais, e, em um segundo momento, deste conjunto de trabalhadores e os controladores da produção (encarregados, mestres-de-obra, engenheiros, administradores, etc.). Em segundo lugar, salta aos olhos a ausência relativa de mulheres e famílias implicando numa concentração e separação espacial segundo a destinação das casas: unidades coletivas para trabalhadores sem família, unidades individuais para trabalhadores com família.

O fato da construção civil tratar-se de uma atividade eminentemente masculina acaba refletindo-se em uma distorção demográfica visível na população engajada em grandes projetos. O número total de homens, em proporção ao de mulheres, é fora do comum. Por outro lado, isto torna-se um problema de segurança na área, fazendo com que haja uma grande pressão sobre as mulheres que nela habitam. Como resultado, surge uma enorme zona de prostituição. Por outro lado, para controlar esta situação, o planejamento tradicional de acampamentos - marcado por preconceitos de classe, sexo e geração - termina por isolar o grande número de trabalhadores não-especializados, os que não podem trazer suas famílias e são eufemisticamente chamados de solteiros, em alojamentos coletivos. Para manter a segurança, se criam áreas com aparências e controles típicos de instituições carcerárias, aliás uma comparação que frequentemente se faz.

Nestes "alojamentos coletivos para solteiros", comumente cercados com arame farpado e vigiados por guaritas e guardas armados, é onde se revela o

caráter mais agudo de instituição total. O cotidiano é controlado por uma administração que zelosamente providencia o encadeamento seguro das atividades do grupo desde a hora de levantar, às refeições, até às formas de lazer dos operários. A administração do acampamento, como parte do quadro hierárquico mais amplo da estrutura de uma companhia, obviamente subordina-se ao corpo administrativo maior, diretamente vinculado ao controle do processo produtivo(6).

Pela mediação da administração interna, as necessidades da esfera da produção passam a determinar vários aspectos da vida dentro do acampamento. Ressaltemos, por exemplo, a possibilidade de despertar vários operários de uma só vez garantindo a pontualidade e assiduidade dos trabalhadores, bem como impondo uma permanente disponibilidade para tarefas do interesse da companhia. Uma das indicações mais visíveis desta determinação, é o ajuste da atividade da cantina às demandas do processo produtivo que necessita ter organizadas a entrada e saída dos trabalhadores na obra para assegurar a continuidade do trabalho.

As cantinas dos trabalhadores não-especializados são frequentemente localizadas dentro da área de acampamentos para "solteiros", local ideal, visto que, em outras áreas, a grande maioria alimenta-se em suas próprias casas, com comida elaborada internamente pelo grupo doméstico. Além do mais, esta localização reflete também as necessidades de controle interno ao acampamento. A cantina é um dos poucos lugares onde, no dia-a-dia, o operariado se encontra, se visualiza como coletivo, sentindo latentemente o seu poder de ação conjunta. Por isto, as cantinas de um grande projeto são consideradas como "os fusíveis da obra". De fato, elas são tradicionais locais de conflitos, alguns bastante violentos como os chamados "quebra-quebra".

A impossibilidade de trazer suas famílias para viver no projeto, isto é, a inexistência de condições de reprodução do grupo doméstico dos trabalhadores não-especializados, é uma grande marca que distingue este segmento majoritário do mercado de trabalho(7). A condição de trabalhador

não-especializado não remete a uma posição na hierarquia da construção civil e no mercado de trabalho que permita o acesso a habitações individuais.

Já os trabalhadores especializados, com experiência das condições *sui generis* de vários grandes projetos, são altamente valorizados e disputados no mercado. Seria inviável se uma firma toda vez que terminasse uma obra, despedisse seu corpo técnico e contratasse novos empregados para uma nova tarefa. Aqui estamos falando de um segmento que engloba engenheiros e outros profissionais de formação universitária, mestres-de-obra, técnicos de alto nível, que recebem ótimos salários e vantagens adicionais que se expressam em uma estrutura de privilégios existentes internamente à vida de acampamento. Recebem carros, casas mobiliadas, clubes, e inclusive escolas para as suas crianças.

A grande maioria das residências individuais se destinam aos controladores da produção e aos trabalhadores especializados reflete tanto o maior poder destes últimos quanto o fato de que, *grosso modo*, os trabalhadores ao chegarem em nível mais qualificado de seu treinamento também encontram-se em momento de suas vidas onde já constituíram famílias. A impossibilidade de poder reproduzir seu grupo doméstico no território de um grande projeto, significaria, para muitos trabalhadores especializados, a despeito até de vantagens salariais, a impossibilidade de manter-se trabalhando para uma determinada empreiteira. Daí os acampamentos de grandes projetos preverem grandes áreas para a elite técnica viver confortavelmente e poder reproduzir sua vida social, sob condições especiais - também *stressantes* - mas que permitem a permanência, por longos períodos, da família próxima aos canteiros de obras.

A diferenciação interna a este lado dos acampamentos também reflete a hierarquia do ramo da construção civil. A qualidade das casas e serviços a que se tem acesso varia de acordo com a posição ocupada. A migração da estrutura hierárquica de um grande projeto para a configuração espacial da área residencial é fonte de conflitos e insatisfações. A sensação, comum entre trabalhadores especializados, de se viver em uma "gaiola de ouro", é emble-

mática da consciência de estar em situação privilegiada mas mesmo assim submetido à lógica maior da imobilização da força de trabalho pela moradia que, em última instância, faz com que todos nunca saiam do trabalho. Finalmente, ao chegar em casa, quem sabe se uma briga com o vizinho, chefe de sua divisão, não trará consequências negativas para a sua carreira funcional?

Em realidade, o acampamento, sua construção, configuração e utilização, é universo privilegiado para perceber a estruturação do espaço de acordo com diferenças de classe, concomitantemente, diferenças internas a um determinado ramo da produção. Dos muitas vezes miseráveis, sujos e apertados alojamentos coletivos de serventes até as luxuosas e espaçosas casas de gerentes, diretores e proprietários, a divisão deste espaço é claramente orientada pela lógica da esfera da produção tal qual expressa concretamente no ramo da construção civil.

* Doutorado conjunto flaco/unb em estudos comparativos sobre América latina e o Caribe; departamento de antropologia da Universidade de Brasília. pesquisador do CNPq.

Notas

- (1) A este respeito veja-se Leite Lopes (1988) "Anexo 1". Em meu trabalho sobre a Hidrelétrica Binacional de Yacretá (Ribeiro 1991), obra em execução sobre o Rio Paraná na fronteira da Argentina com o Paraguai, elaborei, para interpretar um caso do que poder ser designado genericamente de "nomadismo industrial", a concepção de "circuito migratório dos grandes projetos" para dar conta da existência de trabalhadores migrantes, os bichos-de-obra, associados à execução destes empreendimentos.
- (2) Neiburg (1988), utilizando a noção de sistema fábrica/vila operária, estudou a evolução de uma indústria de cimento na Argentina.
- (3) Sobre esta questão ver, por exemplo, Olien & Olien (1982), Rofman & Romero (1973), Becker (1986) e Allen (1966).
- (4) Para uma análise sobre grandes projetos e a formação de sistemas regionais veja Laurelli (1987).
- (5) O habitante típico do "circuito migratório dos grandes projetos" é o trabalhador especializado, transferido de projeto a projeto em escala mundial. São denominados, na Argentina, de "bi-

- chos-de-obra". Encontrei até terceira geração de bichos-de-obra na hidrelétrica de Yacretá. Explorei o impacto desta situação para a fragmentação e reconstrução de identidades em trabalho anterior (Ribeiro 1992).
- (6) Leite Lopes ao estudar a imobilização da força de trabalho pela moradia em usinas de açúcar afirma que "a homologia que se dá entre a estrutura de moradia no território da usina e a estrutura hierárquica no processo de trabalho dentro da fábrica não se reflete apenas de maneira espacial na disposição de ruas e casas: ela se manifesta também na submissão à mesma autoridade tanto no domínio do trabalho quanto no da moradia" (1976:176).
- (7) A ausência do grupo doméstico geralmente coincide com condições externas de controle de uma população masculina e/ou com problemas de segurança criados pela situação. Em todos os exemplos de alta concentração de homens com a consequente distorção demográfica e social, registram-se a prostituição e o aparecimento frequente de conflitos: garimpos, portos, áreas próximas a grandes exércitos estacionados, etc.

Referências Bibliográficas

- - Allen, James B. (1966). **The Company Town in the American West**. Norman. University of Oklahoma Press.
- - Balán, Jorge (1980). "Migraciones Temporárias y Mercado de Trabajo Rural en América Latina". Buenos Aires. **Estudios Cedes** vol. 3, no.3.
- - Becker, Bertha (1986). "Signification Actuelle de la Frontiere: Une Interpretation Géopolitique à partir du Cas de l'Amazonie Brésilienne". **Cahiers de Sciences Humaines** 22 (3-4): 297-317.
- - Burawoy, Michael (1976). "The Functions and Reproduction of Migrant Labor: Comparative Material from Southern Africa and the United States". **American Journal of Sociology** 5: 1050-1087.
- - Ferreira, Manoel Rodrigues (1981). **A Ferrovia do Diabo. História de uma estrada de ferro na Amazônia**. São Paulo. Melhoramentos.
- - Foot Hardman, Francisco (1988). **Trem Fantasma. A Modernidade na Selva**. São Paulo. Companhia das Letras.
- - Foucault, Michel (1975). **Surveiller et Punir. Naissance de la Prison**. Paris. Gallimard.
- - Goffman, Erving (1974). **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo. Editora Perspectiva.
- - Laurelli, Elsa (1987) - "Los Grandes Proyectos: Estrategias de Desarrollo

- y Transformacion del Territorio". In **Los Grandes Proyectos y el Espacio Regional. Presas Hidroeléctricas y el Sistema Decisional**. Cuadernos del CEUR 19. Buenos Aires.
- - Leite Lopes, José Sérgio (1976). **O Vapor do Diabo. O trabalho dos operários do açúcar**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. (1979). "Fábrica e Vila Operária: Considerações sobre uma Forma de Subordinação Buerguesa". In J.S. Leite Lopes, et al., **Mudança Social no Nordeste, a Reprodução da Subordinação**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. (1988). **A Tecelagem dos Conflitos de Classe na cidade das chaminés**. São Paulo. Editora Marco Zero e Editora Universidade de Brasília em co-edição com MTC/CNPq.
- - Neiburg, Federico (1988). **Fábrica y Villa Obrera: historia social y antropología de los obreros del cemento**. (2 vols.). Coleção "Biblioteca Política Argentina". Buenos Aires. Centro Editor de América Latina.
- - Olien, Roger M. & Diana D. Olien (1982). **Oil Booms. Social Change in Five Texas Towns**. Lincoln & London. University of Nebraska Press.
- - Ribeiro, Gustavo Lins (1980). **O Capital da Esperança: Brasília. Estudo sobre uma Grande Obra da Construção Civil**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia, da Universidade de Brasília. (1982). "Arqueologia de uma cidade: Brasília e suas Cidades Satélites". **Espaço & Debates** 5: 113-124. (1985). "Proyectos de Gran Escala: Hacia un marco conceptual para el analisis de una forma de producción temporária". In Leopoldo Bartolomé (org.): **Relocalizados: Antropologia Social de las Poblaciones Desplazadas**. Buenos Aires. Ediciones del IDES. (1987). "Cuanto Más Grande Mejor? Proyectos de Gran Escala, una Forma de Producción vinculada a la expansión de sistemas económicos". **Desarrollo Económico** 105: 03-27. (1991). **Empresas Transnacionais. Um Grande Projeto por Dentro**. São Paulo/Rio de Janeiro. Marco Zero/Anpocs. (1992). "Bichos-de-Obra. Fragmentação e Reconstrução de Identidades". **Revista Brasileira de Ciências Sociais** 18: 30-40.
- - Rofman, Alejandro B. & Luis A. Romero (1973). **Sistema Socioeconómico y Estructura Regional en la Argentina**. Buenos Aires. Amorrortu Editores.